

O QUE VEM APÓS A PRESENTE VIDA?

UM MISTÉRIO A SER VIVIDO EM ESPERANÇA

Entre as muitas perguntas que fazemos a nós mesmos e a outros, uma das que retornam sempre de novo é: “o que vem depois da morte?” Em tempos mais difíceis, ela reaparece com mais frequência. Os esforços humanos por respondê-la são igualmente persistentes, não havendo, até hoje, unanimidade a respeito. Por mais que procuremos propor explicações racionais para essa questão, o fato é que incertezas sempre estarão envolvidas no que pensamos e falamos sobre o assunto. Um quê de mistério envolve a realidade da morte e do que vem depois, a exemplo de um manto que encobre aquilo que se encontra abaixo dele.

Muitos encaram a morte com o ponto final de tudo o que se pode pensar e desejar acerca da vida; são pessoas que reagem com ceticismo em relação ao que se diz sobre o que virá depois. Outros tantos não se conformam com o fim de sua existência aqui na terra, a ponto de caírem em desespero em face a ele. Há, ainda, aqueles que encaram a morte com boa dose de serenidade e expressam convicção quanto a sua esperança na vida eterna.

Na era moderna, em que uma comunicação global e em tempo real foi possibilitada, a falta de sentido da vida diante do morrer se apresenta de modo dramático para um sempre maior número de pessoas. Ela não se encaixa com a vida boa e de qualidade possibilitadas, ainda que limitadamente, pelas ciências e as tecnologias postas à nossa disposição. Prolongar a existência é hoje o propósito de vida maior de homens e mulheres e, quando algo não se encaixa neste fim, a frustração os invade pela “porta dos fundos”.

Angústias em tons diversos se apoderam de nós quando a vida se apresenta ameaçada. É difícil enfrentar a insegurança ou a proximidade de seu fim; sempre foi assim. Acompanho como pastor, a profunda tristeza que toma conta de familiares diante da perda de um ente querido. Em meu próprio círculo mais próximo de relacionamentos tivemos duas experiências mais ou menos recentes, em que nos despedimos de pessoas que amávamos. O aparecimento de alguma doença grave e de tratamento difícil é exemplo que nos toca e que tira “o chão de nossos pés”. Entretanto, apesar de tudo isso, que grande ânimo e consolo observo correr em minhas próprias “veias”, ao presenciar tantos que enfrentam a morte com alegre e confiante expectativa de uma vida para além, já antecipada aqui e agora enquanto promessa.

Apesar de todos os esforços que se tem feito para responder à pergunta a respeito do que nos aguarda “após a morte”, admitamos que tal panorama é e permanecerá para nós um mistério. Trata-se de uma espécie de porta fechada, diante da qual as melhores explicações serão sempre insuficientes. Reiteramos, porém, o que já procuramos dizer: diante deste fato uns abraçam esse mistério com sóbria expectativa, enquanto outros

desanimam. Por vezes, em maior ou menor intensidade, essas experiências contrastantes podem aparecer em uma mesma pessoa; ora confiamos, ora cedemos à tentação e nos aflagimos além da conta.

Quem espera a vida para além não o faz com base em alguma prova materializada a esse respeito, mas em confiança diante da absoluta falta de sentido da morte; corresponde, mais ou menos, à fé enquanto “certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos.” (Hebreus 11.1). Um termo adequado a ser usado para o “fenômeno” da esperança seria o do vislumbre. Apenas podemos entrever o que se encontra para além da morte. O suficiente, entretanto, para firmarmos a nossa confiante espera, a ponto de se tornar possível manter o nosso vigor no tempo presente até o limiar da morte.

Tal confiança se experimenta como uma certeza firmada em promessa divina, não em dados empíricos advindos diretamente de nossos sentidos: “quem crê em mim, ainda que morra, viverá.” (João 11.25). Mas, afinal, por que a vida, seu fim e a vida além se apresentam desse modo? O apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, afirma algo a esse respeito que bate com o que todos nós experimentamos como um acontecimento de cada dia. Ele compara o morrer como o maior de todos os nossos inimigos. “O último inimigo a ser destruído é a morte”, escreveu ele (1 Co 15.26). Ela é uma sombra que nos acompanha, um ferrão que provoca intenso sofrimento, afetando nossa identidade e nossos projetos pessoais. Até certo ponto e dependendo de condições favoráveis, uma pessoa pode, no decorrer de toda a sua vida, exercer um domínio mais ou menos satisfatório sobre si mesmo, mantendo a sua autoestima com muita determinação. Todos conhecemos pessoas que nunca “baixam a guarda”. Mas em relação a morte não é assim. Lembro-me de ter conhecido uma médica e professora que se apresentava sempre de modo resolutivo. Mas perto do fim de sua existência, observei que se assemelhava a todos os “meros mortais”, sem projeto e perspectiva de vida.

A “porta fechada” do término da existência ninguém abre, especialmente quando a fé, a esperança e o amor ao próximo e a Deus são titubeantes. Neste caso, a alternativa é pedir: “Senhor, aumenta-nos a fé.” (Lucas 17.5).

É neste contexto e em meio a esta imprescindível oração que reaparece sempre de novo, como um fenômeno teimoso, a indagação que nos coloca em xeque: o que vem depois? Se apresenta como um “grito silencioso” de socorro: quem nos abrirá essa tranca, quem pode curar as feridas deste “ferrão que penetra fundo nossa carne”? Somente o vislumbre do eterno vindo ao nosso encontro pode nos manter confiantes, serenos, atentos à própria vida, bem como a dos nossos semelhantes. Em resposta a esse questionamento que nos é comum, o apóstolo citado testemunhou: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” (Romanos 7.24-25).

O QUE VEM APÓS A PRESENTE VIDA?

O TEMPO E O ESPAÇO E A NOSSA EXPERIÊNCIA COM O QUE É ETERNO JÁ AQUI

Parte 2

O que vem "depois" da presente vida é pergunta que somente pode produzir respostas de curta duração. A este respeito apenas podemos vir a ter lampejos de consciência. O fato é que estamos todos condicionados pelo tempo e pelo espaço, de tal maneira que o "depois" somente pode ser pensado dentro dos limites impostos por estas duas categorias. Em outras palavras, formamos uma ideia do que vem "depois" orientados pelo que vivenciamos e tocamos "do lado de cá". Não tem como ser diferente, uma vez que é muito difícil transcender a esta realidade. Mas, para esta discussão fazer algum sentido, dentro das finitudes que nos são peculiares, é preciso introduzir outra classe de argumentos, menos palpáveis, mas não menos reais. O que temos como objetivo é demonstrar que o senso de eternidade não é algo completamente estranho para nós humanos e pode sofrer um impacto profundo e transformador ao recebermos confiantes a mensagem cristã acerca da vida que é e que há de vir.

Uma categoria real, que esconde grandes mistérios, mas abre janelas para percepções acerca da eternidade, é a dos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Isto porque ver é muito mais do que enxergar; ouvir mais do que ser sensível a sons; distinguir e apreciar aromas mais do que cheirar; degustar uma boa comida mais do que possuir uma língua apta a diferenciar, por exemplo, entre o doce e o salgado; o tato mais do que encostar em algo ou alguém, é ao mesmo tempo perceber que quando se toca, se é também tocado. Todos estes sentidos transcendem a suas características meramente físicas, conectando-os e contribuindo para a percepção e a consciência de tudo aquilo que nos envolve. Os sentidos estão unidos a faculdades mentais e emocionais, como a consciência e a atribuição de valores; comunicam uma "mensagem" que é pessoal e única, espiritual, porque manifestam peculiaridades do que é eterno. Por exemplo, quem gosta de música clássica, tem consciência e ouvidos aguçados para este estilo musical e acaba percebendo a mensagem deixada por seus compositores, seja de alegria ou de tristeza ou ainda de outros sentimentos. Mais, partículas de uma eternidade de bem-aventuranças não nos são estranhas aos sentidos, pois "desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas" (Romanos 1.20).

Reconhecer beleza diante da visão de uma paisagem grandiosa, como as das cataratas do Iguaçu, mergulhar ouvidos e atenção ao som de uma música composta por uma pessoa inspirada e com talento, degustar um prato típico capaz de aguçar memórias de outras experiências prazerosas do ato de comer, são tão somente outros exemplos das incessantes experiências que fazemos por meio de nossos sentidos. E aqui ainda não estamos considerando as nossas habilidades, a fala, o movimento e a aplicação de força, que agem em conjunto com nossas qualidades mentais, emocionais e da vontade. E isto

tudo, para quem se permite a sinceridade, testemunha acerca de nós mesmos como seres condicionados ao tempo e ao espaço, mas não necessariamente a estes presos; este que corre segundo o compasso do relógio e que se circunscreve com base no chão que nossos pés pisam, não explicam tudo o que acontece conosco. O que se passa em nosso ser, em nossa alma por toda uma existência, se assemelha a um turbilhão de sensações que nos reportam ao que é eterno. Falar da vida "depois" da morte demanda que a percebamos já no presente. Evidentemente, como certa vez disse C. S. Lewis, isto "depende em grande parte do olho que vê".

Perguntar pelo que vem "depois" é, assim, mais do que uma reação pura e simples de inconformidade diante da inevitabilidade da morte. Reagimos assim porque ela não se encaixa com o eterno que se manifesta em nós, a exemplo do que vivenciamos por meio dos sentidos; passamos as nossas vidas tendo saudades do céu, isto é, do que é perfeito, mesmo que resistamos a ele e não o compreendamos. Dor, indignação, medo ou esperança se encontram envolvidas nesta pergunta, muito para além de uma mera curiosidade nossa ou de saltos especulativos que possamos fazer a este respeito. Acertadamente o autor do livro de Eclesiastes, no Antigo Testamento, disse acerca de tudo o que Deus criou: "Ele fez tudo belo a seu tempo. Também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este consiga compreender a obra que Deus fez do começo ao fim." (Eclesiastes 3.11).

A eternidade se vislumbra, aqui e agora, porém, de modo incompleto e inadequado. O envelhecimento e a morte, a manifestação do mal e o sofrimento, explicam tal imperfeição. E não seria a nossa prisão, sempre maior, ao tempo e ao espaço, causa e resultado desta nossa permanente inclinação para o mal? Algo que aparece como um determinismo que vai embotando nosso espectro de ação e liberdade; uma realidade da qual não conseguimos escapar e que vai nos deixando menos sensíveis e mais reativos às mensagens advindas de nossos sentidos, de nossas capacidades cognitivas de pensamento e linguagem e das possibilidades de um uso com propósito de nossas energias. É uma condição de escravidão, mas também uma escolha deliberada. Os autores do primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, chegaram a uma conclusão inquietante no que diz respeito à nossa natureza humana, quando afirmaram: "porque é mau o desígnio íntimo do ser humano desde a sua mocidade." (Gênesis 8.21).

Em cada pessoa pulsa uma vida com sentidos (aqui a categoria que usamos como exemplo) que se apresentam como janelas não só para o nosso mundo, mas também para tudo aquilo que pertence à eternidade. Por isto mesmo, ao mencionar o eterno em nós, estou falando de Deus, uma vez que só é possível falar a este respeito se ele estiver sendo considerado. Existir no espaço e no tempo aponta para nossa condição de criaturas de Deus, que inclui também o fato de que nos perguntamos sobre o que vem "após" a morte. Somos criados, trazemos as marcas do Criador, mas não somos deuses. É pouco? Evidente que não é. É em nosso corpo e alma (alguns chamariam de psiquê),

na manifestação ininterrupta do Deus eterno, que passa a ser possível reconhecer nossa dependência dele, bem como de nossos semelhantes. Somos seres feitos para nos relacionar; e isto é grande e maravilhoso.

Somos surpreendentemente articulados e ágeis, somos mais que matéria, do que um corpo físico. E é nisto tudo que somos, que, lamentavelmente, o mal nos afeta, pois continuamente pensamos o que não convém, produzimos emoções prejudiciais, a exemplo do ódio, e agimos de modo equivocado. "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço." (Romanos 7.18). Somos alma vivente com percepções do eterno, mas em nós se manifesta também a inequívoca maldade comum a todos, corrompendo tudo o que é bom e que vem de Deus; em determinado sentido, o pecado que nos escraviza, já é uma espécie de morte a que estamos sujeitos em vida. A vida eterna, boa, perfeita e agradável, que é ativa em nós, não a vemos com lucidez, porque dela nos afastamos deliberadamente, quais escravos que decidem manter-se nesta condição. Temos arbítrio para tomar muitas decisões nesta vida, mas não somos livres para escolher o caminho da perfeição; vemos que o eterno se move nós, mas, por natureza, a ele resistimos. De modo idêntico, não vemos com clareza o que vem "depois" porque em nós se encontra este espinho que é o pecado, que tudo inverte, produz cegueira, morte, afetando de muitos modos tudo o que é bom e que Deus planejou para nós seres humanos.

Mas a mensagem cristã anuncia a promessa de que esta realidade pode ser e é transformada, em parte, já aqui e, em sua plenitude, na eternidade. Em Cristo tudo se faz novo, pois vamos construindo nossas vidas confiantes de que, se tropeçarmos, podemos nos levantar, confiantes no perdão que ele nos conquistou. Em Cristo passamos da morte para a vida, o mal continua presente, mas não nos domina em definitivo. As sensações emitidas por meio de nossos sentidos vão sendo afetadas pelo que é bom, pelo que é agradável a Deus e só pode nos ser benéfico como pessoas amadas que somos. O eterno em nós vai deixando de ser caracterizado por aquele "buraco negro" de angústias e inquietudes, cheia de remorsos e culpa; o "caminho do justo é como a luz da alvorada, que brilha cada vez mais até a plena claridade do dia." (Provérbios 4.18). A boa vida eterna passará a fluir em nós mais desimpedidamente, pela palavra de Cristo que abraçamos em fé, sendo o Espírito Santo de Deus quem a faz fluir em nós.

O que vem "após" a morte? Com toda a certeza algo que nos identifica como aquelas mesmas pessoas que fomos aqui, em corpo, porém, livres do mal; por isto mesmo as espas em "após" e "depois", pois haverá um tipo de continuidade. Demandará, no entanto, um novo corpo, seja lá que forma for adquirir, pois o atual terá se decomposto; haverá uma ressurreição, pois assim "como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial." (1 Coríntios 15.49). Haverá ruptura, mas também uma continuidade e tudo será perfeito, sem as sombras da presente era.

Aqui nos referimos aos que buscaram e procuraram, fundamentados na fé que é dada por Deus, viver segundo a promessa de Cristo da salvação por graça; esta que é expressa em forma de pergunta e resposta pelo apóstolo Paulo: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor." (Romanos 7.24-25).